

O Paradoxo Da Sociedade Técnica

Constança Marcondes Cesar¹**Resumo**

Ricoeur mostra as contradições da sociedade técnica contemporânea, e propõe uma nova formulação da ética como via de superação dos conflitos que discerne na vida atual.

Palavras-chave: Ricoeur, ética, técnica.

Abstract

Ricoeur show the contradictions of the technical contemporary society and he try to find a new ethic that can propose a new way to overcome the conflicts that he discerns in the contemporary life.

Key-words: Ricoeur, ethic, technique

No campo da linguagem filosófica, da lógica, paradoxo é um raciocínio que possibilita duas conclusões contraditórias.

Os primeiros paradoxos aparecem relatados na *Física* de Aristóteles e referem às teorias de Zenão de Eléia; no século IV, Eubolides de Megara propôs o *paradoxo do mentiroso*.

O paradoxo tem como função incitar a busca da resolução de problemas. Contrariamente ao *sofisma*, o paradoxo pode ser capaz da *verdade*. Abre campo a novas problemáticas, quando sua solução é encontrada.

Matemáticos e lógicos contemporâneos, como Frege, Tarski e Russell fizeram progredir o processo de formalização nas matemáticas e na lógica, estudando os paradoxos clássicos e propondo novos. A noção vem sendo aplicada a diferentes campos, como a psicologia, economia, artes, filosofia.

O termo aparece em um texto publicado por Ricoeur em 1957, *O paradoxo político*. No texto, paradoxo é o nome da contradição que caracteriza a sociedade contemporânea: “o duplo progresso: na racionalidade e nas possibilidades de perversão”². Do maior bem, que é o viver em comum, buscando a felicidade, pode advir

¹ Professora do Mestrado em Filosofia e do Mestrado em Direito da Universidade Federal de Sergipe; doutora em Filosofia pela PUC de São Paulo, Livre-docente em Filosofia pela PUC de Campinas, pós-doutora pela Universidade de Toulouse le-Mirail.

² RICOEUR, P. *História e Verdade*. RJ: Forense, 1968, p.252. ed. francesa: *Histoire et Vérité*, Paris: Points/Seuil, 1967.

o maior mal: a mentira, a monopolização do poder, a perversão da política - representada pela tirania. O orgulho da posse do poder, a não-verdade, a violência são os males da vida política. Seu antídoto é a afirmação da *liberdade*, “seja o Estado *fundando* a liberdade pela sua racionalidade, seja que a liberdade limita as paixões do poder pela sua resistência”³.

Em um texto de 1961, “Civilização universal e culturais nacionais”, nosso filósofo fala do surgimento de uma civilização universal mundial, cuja eixo de difusão é a planetarização da técnica, que “unifica e humanidade em nível bastante abstrato, puramente racional e que, nesse base, dá à civilização humana seu caráter universal”⁴.

É partindo da noção de *paradoxo*, associada por Ricoeur à própria constituição da vida política-social, que tentaremos explicitar o que chamamos de *paradoxo da sociedade técnica*: os benefícios da técnica vem acompanhados de um crescente temor da destruição física do homem e de valores culturais – que fazem do ser humano aquilo que essencialmente ele é: um criador de bens na vida do espírito, nos campos da arte, da filosofia, da ciência. Ricoeur *não* emprega o termo *paradoxo* para falar da planetarização da técnica. Mas assinala tanto os *benefícios* quanto os *riscos* desse evento: “A humanidade (...) ingressa numa única civilização planetária (...) ao mesmo tempo um progresso gigantesco para todos e uma tarefa esmagadora de sobrevivência e adaptação da herança cultural e esse quadro novo”⁵.

O paradoxo consiste, também, nessa irresistível ascensão de uma civilização mundial e na exigência, por outro lado, de preservarmos a cultura herdada, o patrimônio das culturais nacionais e da tradição. A *ciência*, saber racional do que a *técnica* é expressão, dá-nos a universalidade. A técnica torna-se uma segunda fonte dessa universalização, modificando as relações de todos com a natureza, criando situações irreversíveis, e impondo uma civilização única, da qual todos participam. Os próprios regimes políticos desenvolvem-se de modo análogo, evoluído “inevitavelmente, desde que atinjam certas etapas de bem-estar, instrução e cultura, de uma forma autocrática a uma forma democrática”⁶.

A *ambiguidade* que caracteriza a civilização mundial constitui um dos aspectos do paradoxo em que aludimos. De um lado, há progresso verdadeiro: mas um progresso no âmbito do instrumental que, se possibilita o acesso de muitos a bens elementares, a

³ Id., *ibid.*, p. 276.

⁴ Id., *ibid.*, p. 277.

⁵ Id., *ibid.*

⁶ Id., *ibid.*, p. 279.

certa dignidade e autonomia, constituindo assim em si mesmo um bem, está também associado a um fenômeno “sutil destruição, não somente das culturais tradicionais (...) mas àquilo que (...) chamaria (...) de núcleo criador das grandes civilizações, das grandes culturas (...) o núcleo ético e mítico da humanidade (...). Tudo se passa como se a Humanidade, ao *ascender em massa* a uma primeira cultura de consumo, também *fosse detida em massa* em certo nível de subcultura”⁷.

O paradoxo que assim emerge é: como nos enraizarmos na tradição e, ao mesmo tempo, nos modernizarmos? Ou como diria Ricoeur: “como modernizar-se, e retornar às fontes?”⁸, como sobreviver ao choque e ao confronto da pluralidade das culturas, promovendo seu encontro e ao mesmo tempo mantendo a fidelidade ao núcleo criador da nossa civilização?

Nem todas as culturas terão a capacidade de sobreviver ao irresistível avanço da técnica; e para o nosso filósofo, só “poderá sobreviver e renascer uma cultura capaz de integrar a racionalidade científica”⁹, só poderá ter vigência a imagem do homem que integre valores universais, sem cair num sincretismo banal. Diz nosso autor: estamos “numa espécie de intermédio (...) na qual não podemos mais praticar o dogmatismo da verdade única e na qual não estamos ainda capazes de vencer o ceticismo no qual ingressamos. Estamos (...) no crepúsculo do dogmatismo, no limiar dos verdadeiros diálogos”¹⁰.

Dois textos de 1991: o “Posfácio ao *Tempo de responsabilidade* – livro resultante do dialogo de Ricoeur com pensadores contemporâneos¹¹ - e “Ética e filosofia da biologia em Hans Jonas”¹², mostram Ricoeur voltado à formulação de uma ética, marcadamente inspirada pela obra de Hans Jonas. Nesses textos, a possibilidade de superação do paradoxo que assinalamos: a dupla face da técnica, benéfica e tremenda --- dá-se pela construção de uma nova ética que visa conduzir ao melhor emprego dos recursos de atuação sobre o mundo que o saber científico disponibiliza.

Para explicitar os contornos dessa reflexão, nosso pensador mostra quais situações novas vividas hoje tornam essa nova ética urgente, em virtude das mutações

⁷ Id., *ibid.*, p. 283. Grifos nossos.

⁸ Id., *ibid.*, p. 284.

⁹ Id., *ibid.*, p. 289.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 291.

¹¹ Id., *Postface au Temps de la responsabilité*. In LENOIR, F. (org). *Temps de la responsabilité*. Paris: Fayard, 1991, p. 270-291. Tradução em português, em id., *Leituras 1*. SP:Ed. Loyola.

¹² Id., *Lectures 2*. Paris: Seuil, 1992, p. 304-319. Tradução em português id. *Leituras 2*, SP:Ed. Loyola.

que afetam o agir humano nos planos “das ciências, das técnicas e da vida política”¹³. Aponta a noção de *responsabilidade* como foco da nova ética, assinalando suas implicações políticas. No que diz respeito às mutações do agir humano, o filósofo ressalta o “caráter *inédito, sem precedente*”, das novas questões que resultam “das aplicações técnicas das ciências” em vários campos da vida humana: meio ambiente, biologia, economia, indústrias, mídias, política¹⁴.

A meditação a respeito da atuação sobre o *meio ambiente* assume um papel importante, em virtude da *escala* em que se produz essa atuação e dos *efeitos cósmicos negativos* que desencadeia: poluição das águas e do ar, desaparecimento de espécies vivas, dentro outros. Há uma mudança nas relações do homem com a natureza, que torna os efeitos das novas técnicas *cumulativos e perigosos* para o equilíbrio dessas relações, assim como *problemática* a sua *qualidade*.

Uma nova ética se impõe, diz Ricoeur, porque é necessário orientar e agir por normas que possibilitem o bem-viver no mundo. Ora, o que se constata é que a intervenção das novas técnicas, em escala planetária, gera efeitos indesejados e põe em cena a questão da *responsabilidade* do homem quanto aos resultados de sua ação.

No âmbito das *ciências da vida*, as novas possibilidades da intervenção produzem questionamentos análogos aos já indicados supra. O domínio das técnicas de reprodução; da intervenção nas características da hereditariedade e no sistema nervoso, tornam possível modificar a evolução da humanidade como espécie. Se a vida é o primeiro horizonte do homem “portador da história”, o seu segundo horizonte é a biosfera; o que se atinge, a partir das novas possibilidades abertas pelas técnicas, é a própria identidade pessoal do homem. A idéia do *progresso* tornou-se problemática, pondo em primeiro plano: a significação das *relações de proximidade*, no espaço e no tempo, das populações inteiras; a questão *repartição* em escala mundial, de bens; a *justiça* que possa exceder “a lógica mercantil”¹⁵.

As mutações introduzidas pelos recursos da mídia e da informática “ampliam a visibilidade dos comportamentos políticos; industriais, culturais”¹⁶ e renovam questões dentológicas, tornando problemático o caráter da democracia, a moralização da vida política e exigindo que as decisões políticas sejam fundadas na ética. O *político* se torna

¹³ Id., Postface au *Temps de la responsabilité* (1991) in id., *Lectures* 1. Paris: Seuil, 1991, p. 270.

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 271.

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 275.

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 286.

o lugar para onde *convergem* todas as outras questões e onde *aparecem*, reforçadas, as suas ambigüidades.

A era da eficácia a todo preço impede que se socorra o perecível, expondo assim o *trágico da ação* já assinalado no *paradoxo político*, que Ricoeur relê, entendendo-o como a “conjunção frágil (...) entre a *forma* (Constituição, Estado de Direito) e a *força*” (violência implícita no exercício do poder)¹⁷, quer dizer, como “o conflito trágico ente o lado ‘pragmático’ do engajamento político”¹⁸.

O desafio que se põe, diz o filósofo, invocando a reflexão de Hans Jonas, exposta na obra *Princípio Responsabilidade*¹⁹, é o da missão de garantir a sobrevivência futura da espécie, agindo de modo que seja possível a vida humana depois de nós. Para além de uma ética da reciprocidade e proximidade, que caracterizou a tradição filosófica até agora, impõe-se como novo imperativo, referente à humanidade futura, “o perecível por excelência”, num momento em que “o homem se tornou perigoso para sí mesmo” porque ameaçador para a vida e a natureza que o abriga²⁰.

No plano da economia e da gestão de empresas, a questão que se impõe como exame da *finalidade* da empresa: *cooperação* entre os homens, para produzir bens e serviços, *remuneração* dos dirigentes e acionistas. O que ocorre, como problemático, é a contraposição entre a finalidade da empresa e a finalidade das *pessoas*: sua realização como *sujeitos*. A ética dos negócios precisa se conjugar com a bioética, inserido, assim, em todos os campos, a idéia da missão a cumprir, da responsabilidade perante os seres humanos e o mundo da natureza. A estrutura conflitual, exposta nas exigências contraditórias do *lucro* e do *serviço*, alcança, como já assinalamos, uma dimensão exponencial no plano da vida política, *lugar por excelência do conflito* entre a eficácia técnica e a exigência de socorrer o perecível. Essa situação, que a atual crise em escala mundial exacerba paroxisticamente, põe em primeiro plano a necessidade de se repensar a democracia, discutindo seu estatuto próprio, fundado no debate, na discussão, no consenso, na capacidade de superarmos perspectivas particulares. A fundamentação desse enfoque residiria na capacidade de *argumentar* e de *reconhecer* o valor dos argumentos de outrem e de *expressar*, no plano interpessoal, a *amizade*, o respeito ao

¹⁷ Id., *ibid.*,

¹⁸ Id., *ibid.*,

¹⁹ JONAS, H. *Le principe responsabilité. Une éthique pour la civilisation technologique*. Paris: Cerf, 1995.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 13. Ver também RICOEUR, P. *Lectures I*, p. 305.

outro. Um texto ulterior de Ricoeur, *Percurso do Reconhecimento*²¹ leva às últimas conseqüências as implicações dos temas da *responsabilidade* e *valorização* do *outro*, próximo ou distante, completando assim a estrutura da nova ética que propõe: *responsabilidade* significa então *amor* e *justiça*²² em relação à humanidade presente e futura, assim como *reconhecimento* desse outro, formulando uma ética da alteridade, aparentada com as de Jonas e Lévinas²³.

O agir humano hoje é marcado pela *hybris*, pela desmedida, com efeitos cumulativos e irreversíveis. A responsabilidade do homem atual em relação à humanidade futura e em relação à natureza, é responsabilidade pela preservação do ser, convertida em dever-ser, obrigação moral. O pressuposto é que *ser* e *bem* são correlatos, que *ser* é melhor do que *não ser*. Desse modo, repetindo Jonas, Ricoeur mostra seu vínculo com a tradição filosófica, onde *ser* e *dever-ser* mantêm entre si um laço irrecusável.

Concluimos, citando Ricoeur: “O homem, destrutor potencial do trabalho teleológico da natureza, deve assumir, no nível do seu querer, o sim que a natureza dirige ao ser e o não que ela opõe ao não-ser (...) Ninguém pode dizer: que o homem seja, sem dizer: que a natureza seja. Eis porque o sim ao ser, que a vida pronuncia espontaneamente, torna-se, no nível humano, dever-se obrigação”²⁴.

Publicado no dia 30/10/2012

Recebido no dia 19/10/2012

Aprovado no dia 22/10/2012

²¹ *Id.*, *Parcours de la reconnaissance*. Paris: Stock, 2004, 3º estudo, capítulos IV e V, p. 273-356. Há tradução pela Ed. Loyola.

²² *Id.* *Amour et justice*. Paris: Points/Seuil, 2008. Há tradução portuguesa.

²³ Ver AISCHLIMANN, J.C (org.). *Éthique et reponsabalité*. Paul Ricoeur. Neuchâtel: À la Baconnière, 1994; *id.*, *Répondre d'autrui: Emmanuel Lévinas*. Neuchâtel: À la Baconnière, 1989.

²⁴ *Id.*, *Lectures 2*. Paris: Seuil, p. 317. Há tradução publicada pela Ed. Loyola.